

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Gustavo Bonifácio Rocha e Silva

**AS LIÇÕES APRENDIDAS SOBRE O EMPREGO DA FORÇA-TAREFA
SUBUNIDADE BLINDADA NO INVESTIMENTO A UMA LOCALIDADE NO
CONTEXTO DA GUERRA DA CHECHÊNIA**

**Resende
2023**



APÊNDICE III (TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL) AO ANEXO B (NITCC) ÀS DIRETRIZES PARA A GOVERNANÇA DA PESQUISA ACADÊMICA E DA DOCTRINA NA AMAN

**AMAN
2023**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL

TÍTULO DO TRABALHO: AS LIÇÕES APRENDIDAS SOBRE A FORÇA-TAREFA SUBUNIDADE BLINDADA NO INVESTIMENTO A UMA LOCALIDADE NO CONTEXTO DA GUERRA DA CHECHÊNIA

AUTOR: GUSTAVO BONIFÁCIO ROCHA E SILVA

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

Autorizo a Academia Militar das Agulhas Negras a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em revista técnica da Escola ou outro veículo de comunicação do Exército.

A Academia Militar das Agulhas Negras poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou da Direção de Ensino da Academia Militar das Agulhas Negras.

Resende, 21 de agosto de 2023.

Cad Gustavo Bonifácio Rocha e Silva

Dados internacionais de catalogação na fonte

S586 SILVA, Gustavo Bonifácio Rocha e

As lições aprendidas sobre a força-tarefa subunidade blindada no investimento a uma localidade no contexto da guerra da Chechênia / Gustavo Bonifácio Rocha E Silva – Resende; 2023. 42 p. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Jasson Alceu Santos da Costa

TCC (Graduação em Ciências Militares) - Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2023.

1. Força-Tarefa subunidade blindada. 2. Investimento em localidade. 3. Guerras da Chechênia. 4. Lições aprendidas. I. Título.

CDD: 355

Gustavo Bonifácio Rocha e Silva

**AS LIÇÕES APRENDIDAS SOBRE O EMPREGO DA FORÇA-TAREFA
SUBUNIDADE BLINDADA NO INVESTIMENTO A UMA LOCALIDADE NO
CONTEXTO DA GUERRA DA CHECHÊNIA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Cap. Jasson Alceu Santos da Costa

Resende
2023

Gustavo Bonifácio Rocha e Silva

**AS LIÇÕES APRENDIDAS SOBRE O EMPREGO DA FORÇA-TAREFA
SUBUNIDADE BLINDADA NO INVESTIMENTO A UMA LOCALIDADE NO
CONTEXTO DA GUERRA DA CHECHÊNIA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em 21 de agosto de 2023

Banca Examinadora:



Jasson Alceu Santos da Costa, Capitão
(Presidente/Orientador)



Fabrício Glassmann, Capitão



Aderson Possidonio Torres Neto, 1º Tenente

Resende
2023

Dedico este trabalho a Deus e minha família, que me auxiliaram e serviram de fortaleza e estrutura no objetivo principal de tornar-se oficial combatente de cavalaria, e ainda aos meus irmãos de arma que me apoiaram nessa caminhada ao oficialato.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me guiado durante toda a caminhada e me auxiliado em cada momento da formação, desde a preparação para a prova ao corrente ano, concedendo-me dedicação e luz nas atividades realizadas.

Aos meus pais, por conduzirem minha educação ética e comportamental a uma conduta que trouxesse responsabilidade para executar minhas tarefas, em especial o presente trabalho.

Ao Cap Cav Raphael Bernardes, pela orientação dos estudos no ano de 2022, abnegando de seu tempo livre para me auxiliar.

Ao meu orientador, o Cap Cav Jasson Alceu Santos da Costa, por transmitir os conhecimentos históricos, técnicos e profissionais atinentes ao tema, bem como fornecer fontes adequadas, renunciando por vezes de horários fora do expediente para me nortear na confecção da pesquisa.

Aos camaradas da Turma de Cavalaria Bicentenário da Missão Francesa no Brasil (turma de 2023 da AMAN), que frequentemente me incentivaram a empenhar-me nos estudos, demonstrando sempre resultado gratificante pelo desempenho na formação, bem como apoio moral nas questões pessoais.

RESUMO

AS LIÇÕES APRENDIDAS SOBRE O EMPREGO DA FORÇA-TAREFA SUBUNIDADE BLINDADA NO INVESTIMENTO A UMA LOCALIDADE NO CONTEXTO DA GUERRA DA CHECHÊNIA

AUTOR: Gustavo Bonifácio Rocha e Silva
ORIENTADOR: Jasson Alceu Santos da Costa

O emprego de blindados no ambiente operacional urbano tem se tornado cada vez mais frequente no combate moderno, dada a crescente utilização desta plataforma de combate, bem como a atual urbanização dos confrontos armados, sendo as Guerras da Chechênia um importante evento neste contexto. As oportunidades de melhoria russas em Grozny trouxeram diversas lições aprendidas sobre a atuação de forças-tarefas blindadas em áreas edificadas, tornando-se exemplo para outros exércitos quanto às técnicas, táticas e procedimentos desta fração neste tipo de espaço. O objetivo do trabalho foi absorver estas lições aprendidas em Grozny no que tange ao emprego da força-tarefa subunidade blindada no investimento a uma localidade a fim de aperfeiçoar a doutrina brasileira acerca de blindados no ambiente urbano e suas técnicas de ação imediata. A pesquisa foi justificada pela necessidade de aprofundamento nos manuais brasileiros sobre blindados, tornando-se relevante para a inclusão de técnicas, táticas e procedimentos nestes documentos. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica ao explicar pelo método indutivo através de um estudo de caso as lições aprendidas em Grozny e sua relação com a doutrina brasileira, obtendo então, como resultado, as correções que os próprios russos aplicaram à conduta dos blindados em localidades e que ainda não foram verificadas no Manual de Força-Tarefa Subunidade Blindada, apesar de serem fundamentais ao preparo destas frações no combate moderno. Ratifica-se, assim, a oportunidade de agregar conteúdo tático específico à Doutrina Militar Terrestre Brasileira com o objetivo de complementar a evolução do emprego de blindados em ambiente urbano no Exército Brasileiro.

Palavras-chave: Força-tarefa subunidade blindada; investimento em localidade; Guerras da Chechênia; Lições Aprendidas.

ABSTRACT

LESSONS LEARNED ABOUT THE USE OF THE ARMORED SUBUNIT TASK FORCE IN THE INVESTMENT TO A LOCALITY IN THE CONTEXT OF THE CHECHEN WAR

AUTHOR: Gustavo Bonifácio Rocha e Silva
ADVISOR: Jasson Alceu Santos da Costa

The employment of armored personnel in the urban operational environment has become increasingly frequent in modern combat, given the increasing use of this combat platform and the current urbanization of armed confrontations, the Chechen Wars being an important event in this context. Russian improvement opportunities in Grozny brought several lessons learned about the performance of armored task forces in built-up areas, becoming an example for other armies regarding the techniques, tactics, and procedures of this fraction in this type of space. This work aimed to absorb the lessons learned in Grozny regarding the use of the armored subunit task force in the investment in a locality to improve the Brazilian doctrine about armored forces in the urban environment and their immediate action techniques. The research was justified by the need to deepen the Brazilian manuals on armored vehicles, becoming relevant for including techniques, tactics, and procedures in these documents. For this, a bibliographic review was carried out to explain by the inductive method through a case study the lessons learned in Grozny and its relation with the Brazilian doctrine, obtaining then; as a result, the corrections that the Russians themselves applied to the conduct of the armored vehicles in locations and that have not yet been verified in the Armored Subunit Task Force Manual, despite being fundamental to the preparation of these fractions in modern combat. The opportunity to add specific tactical content to the Brazilian Land Military Doctrine is thus ratified to complement the evolution of armored vehicles in urban environments in the Brazilian Army.

Keywords: Armored subunit task force; investment in locality; Chechen Wars; Lessons learned.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Progressão do CC-Fuz no interior da localidade	21
Figura 2 - Manobra russa em Dezembro de 1994	23
Figura 3 - Investida russa de 31 de Dezembro de 1994	24
Figura 4 - Situação em Grozny após 20 de Janeiro de 1995	26
Figura 5 - Investida russa em 1999.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAC	Armamento Anticarro
AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
CC	Carro de combate
CIBld	Centro de Instrução de Blindados
CIOU	Centro de Instrução de Operações Urbanas
DMT	Doutrina Militar Terrestre
EB	Exército Brasileiro
FT SU BLD	Força-Tarefa Subunidade Blindada
FT	Força-Tarefa
FUZ BLD	Fuzileiros Blindados
HEAT	Alto-Explosivo contra tanque (<i>High Explosive Anti-Tank</i>)
MEM	Meios de Emprego Militar
PEL CC	Pelotão de carros de combate
PEL FUZ BLD	Pelotão de Fuzileiro Blindado
RPG	Granada lançada por foguete (<i>Rocket-Propelled Grenade</i>)
SARP	Sistema de Aeronaves Remotamente Pilotadas
SU	Subunidade
TAI	Técnicas de Ação Imediata
TTP	Técnicas, Táticas e Procedimentos
U	Unidade
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
VBC	Viatura Blindada de Combate
VBTP	Viatura Blindada de Transporte Pessoal

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	OBJETIVOS.....	12
1.1.1	Objetivo geral	12
1.1.2	Objetivos específicos	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	A FORÇA-TAREFA	14
2.1.1	As possibilidades e limitações da Força-Tarefa Subunidade Blindada	14
2.2	O AMBIENTE OPERACIONAL URBANO	15
2.2.1	Operações em áreas edificadas	17
2.2.2	Ataque a uma localidade	18
2.3	AS GUERRAS DA CHECHÊNIA	21
2.3.1	A Primeira Guerra da Chechênia	22
2.3.2	A Segunda Guerra da Chechênia	27
3	REFERENCIAL METODOLÓGICO	29
3.1	TIPOS DE PESQUISA	29
3.2	MÉTODOS.....	30
3.3	ENTREVISTAS	30
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
4.1	O EMPREGO DA FT SU BLINDADA NAS ÁREAS EDIFICADAS	31
4.1.1	Técnicas de Ação Imediata	32
4.2	AS LIÇÕES APRENDIDAS EM GROZNY.....	33
4.3	A INTERAÇÃO ENTRE GROZNY E A DOCTRINA BRASILEIRA	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

O ambiente operacional urbano, apesar de ter obtido posição de destaque no combate contemporâneo, não é recente. Os conflitos nos grandes centros antecedem a Idade Média e desde então se tornaram ferramenta poderosa aos exércitos que defendiam fortalezas, sendo os cercos comuns àqueles que desejavam conquistar esse tipo de terreno.

A evolução do ambiente urbano está intimamente ligada aos fenômenos de êxodo rural, divisão internacional do trabalho e conurbação das cidades, fatores que corroboraram para a formação atual da densidade populacional urbana, desenvolvendo a necessidade de transferir não só hábitos dos tempos de paz, bem como doutrinas de emprego bélico para este complexo cenário.

A complexidade do ambiente urbano desenvolveu-se conforme a proposta de novas táticas de combate, porém seguiu como estratégia das defensivas das mais diversas tropas, sendo o investimento a uma localidade uma das mais difíceis operações a serem realizadas.

Tal dificuldade traz consigo a necessidade do emprego de frações que possuem poder de fogo, ação de choque e mobilidade, dando espaço ao protagonismo das forças-tarefas blindadas, que evoluem de forma concomitante ao ambiente tático, sendo constantemente utilizadas nesse tipo de combate, a exemplo da Guerra do Iraque (2003), da Guerra da Ucrânia (2022) e das Guerras da Chechênia, estas últimas serão objetos de estudo do presente trabalho.

O uso do blindado nas localidades conjura algumas características peculiares, como novas possibilidades, a exemplo da capacidade de precisão do armamento e observação contínua pelos meios de emprego militar das viaturas, e limitações incomuns ao campo de batalha convencional das áreas rurais, como as vias restritas, a presença bastante frequente de população e a fragilidade na defesa anticarro e aérea, sendo fundamental a adoção de Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) específicas, a fim de evitar a destruição desse meio nobre.

O trabalho apresentará as lições aprendidas no que concerne às TTP e às Técnicas de Ação Imediata (TAI) do emprego de uma Força-tarefa Subunidade Blindada (FT SU Bld) no ataque a Grozny, mais especificamente na fase do investimento dentro do contexto da Primeira (1994-1996) e da Segunda (1999-2000) Guerras da Chechênia, à medida que as correções do exército russo sirvam de suporte à melhoria da doutrina do Exército Brasileiro.

A pesquisa se justifica pelo fato de que o conflito na Chechênia trouxe um fracasso a Federação Russa, e essa equivocada atuação causou mudanças no emprego dos blindados russos em uma localidade, de modo que essas mudanças foram e ainda são absorvidas pelo Exército

Brasileiro a fim de aprimorar os procedimentos de tropas de natureza blindada no ambiente urbano através das lições retiradas dos confrontos em Grozny.

O trabalho é relevante devido à necessidade de ratificar as TTPs de uma FT SU blindada em uma localidade, incluindo nos manuais e cadernos de instrução do Exército Brasileiro procedimentos que foram aperfeiçoados em Grozny e ainda não constam na Doutrina Militar Terrestre (DMT), garantindo a boa prática dessas correções em exercícios nas escolas de formação referentes aos elementos de manobra, atividade ainda incipiente.

Para isso, o capítulo 2 exporá o referencial teórico da pesquisa, conceituando a força-tarefa blindada, bem como sua constituição como subunidade, possibilidades e limitações, abordará ainda a definição das operações em áreas edificadas e o ataque a uma localidade na fase do investimento e por fim a decorrência da Guerra da Chechênia, apresentada na perspectiva dos blindados russos e da defesa chechena, tanto na Primeira Guerra da Chechênia, bem como na Segunda.

O capítulo 3 trará a metodologia admitida, com o método de pesquisa, a abordagem, os instrumentos de coleta de dados e as etapas utilizadas nesta. No capítulo 4 serão estabelecidos os resultados e discussões obtidos acerca do emprego de blindados na Guerra da Chechênia no que concerne às TTPs de forças-tarefas blindadas em ambiente urbano e como as lições aprendidas pelos russos em Grozny podem apoiar o enriquecimento da doutrina de blindados em localidade no Brasil.

E o capítulo 5 apresentará as sugestões concluídas após o estudo do escopo do trabalho, respondendo ao questionamento inicialmente feito quanto à necessidade de aprofundamento do conteúdo de TTP de FT SU Bld em localidade, a fim de demonstrar as contribuições coerentes da pesquisa para o Exército Brasileiro, bem como as sugestões referentes aos manuais de emprego de blindados no Brasil.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar as lições aprendidas sobre o emprego da força-tarefa subunidade blindada no investimento a Grozny no tocante às técnicas, táticas e procedimentos dentro do contexto das Guerras da Chechênia, convertendo o aprendizado em acréscimo de detalhamento para a Doutrina Militar Terrestre Brasileira acerca de blindados no ambiente urbano e as técnicas de ação imediata neste terreno.

1.1.2 Objetivos específicos

A fim de atingir o supracitado objetivo, o trabalho busca:

- Apresentar a força-tarefa;
- Apresentar a força-tarefa subunidade blindada;
- Apresentar as operações em áreas edificadas;
- Apresentar o ataque a uma localidade na fase do investimento;
- Apresentar as técnicas, táticas e procedimentos do emprego de blindados em localidades segundo a Doutrina Militar Terrestre Brasileira;
- Apresentar as Guerras da Chechênia;
- Apresentar a utilização dos blindados nas Batalhas de Grozny;
- Apresentar as oportunidades de melhoria do Exército Russo no emprego de blindados em ambiente urbano;
- Relacionar a manobra russa em Grozny com as técnicas, táticas e procedimentos do emprego de blindados em ambiente urbano do Exército Brasileiro;
- Integrar os objetivos específicos acima para concluir a hipótese da absorção das lições aprendidas russas em Grozny para o emprego de blindados no ambiente urbano sobre a Doutrina Militar Terrestre Brasileira.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A FORÇA-TAREFA

As mudanças tecnológicas das plataformas de combate têm provado a crescente aplicação dos blindados nos variados teatros de operações modernos desde a Primeira Guerra Mundial aos conflitos atuais. Esse progressivo emprego traz poder de fogo e mobilidade à fração atacante, bem como a proteção blindada aos defensores, sendo a mais comum utilização destes meios na configuração de força-tarefa blindada.

As forças-tarefas são composições temporárias de peças de manobra de naturezas distintas no valor de Unidade (U) ou Subunidade (SU), utilizando uma forma própria de combate para executar missões específicas, sendo a força-tarefa blindada oriunda de tropas de fuzileiros blindados (Fuz Bld) e carros de combate (CC), podendo receber ainda os elementos de apoio logístico e apoio ao combate (BRASIL, 2021).

2.1.1 As possibilidades e limitações da Força-Tarefa Subunidade Blindada

A força-tarefa subunidade blindada (FT SU Bld) é composta por pelotões de carros de combate (Pel CC), pelotões de fuzileiros blindados (Pel Fuz Bld) e ainda podendo receber o Pelotão de Exploradores para as ações de reconhecimento e balizamento e o Pelotão de Morteiro Pesado para o apoio de fogo indireto (BRASIL,2002).

Essa composição da FT varia conforme a necessidade imposta pela missão, terreno, inimigo, meios, considerações civis (população) e o tempo disponível para o cumprimento da missão (os fatores da decisão), equilibrando a potência de fogo com a economia de meios (BRASIL, 2021).

Nos casos de embate frente a um inimigo forte em blindados ou sob terreno com poucos obstáculos, emprega-se a FT forte em carros de combate. Para missões que exijam a limpeza de objetivo e a defesa anticarro (peculiaridade comum às localidades) emprega-se a FT forte em fuzileiros (BRASIL, 2021).

Por ser uma fração móvel e potente, a FT SU Bld é apta a destruir o inimigo pela ação de choque, conquistando e mantendo o terreno mesmo sob visibilidade restrita, devido à capacidade de visão noturna do material empregado, o que gera um impacto psicológico sobre o inimigo, favorecendo assim o largo emprego dessa tropa no combate moderno (BRASIL, 2021).

As limitações referentes ao blindado apresentam-se, a princípio, como barreiras à utilização da plataforma em ambientes como os centros urbanos, pois as viaturas possuem sensibilidade às armas anticarro (AAC), aos obstáculos artificiais e vulnerabilidade aos ataques aéreos (BRASIL, 2002). Contudo, progressivamente observa-se a utilização do meio blindado neste campo de batalha mais complexo, adequando as diversas doutrinas dos exércitos às adaptações que os conflitos modernos têm trazido.

2.2 O AMBIENTE OPERACIONAL URBANO

O teatro de operações abarcado de localidades não é fato recente. Batalhas da Antiguidade transcorreram ao redor de grandes centros e até mesmo no interior destes, como as Guerras Médicas nas Cidades-Estado Gregas e ainda as Guerras Macedônicas. A Idade Média, apesar do êxodo rural, não descartou os combates pelas fortalezas da época, sendo destaque neste quesito a Guerra Santa em torno de Jerusalém, no contexto das Cruzadas.

Durante a Idade Moderna, intensificou-se a utilização das cidades como campo de batalha, fato dirimido nos confrontos da Primeira Guerra Mundial, devido ao uso das trincheiras e dos conflitos em terreno aberto. A Segunda Guerra Mundial retomou a sistemática de ataques em localidades, evidenciados pela guerra-relâmpago empregada nas ofensivas nazistas.

O período da Guerra Fria e após a Queda do Muro de Berlim quase restringem os enfrentamentos às cidades, devido a diversas condicionantes como a presença de prédios de interesse militar e político nos grandes centros, a presença da população e até mesmo a possibilidade de emprego de meios tecnológicos nos confrontos.

A dimensão fisiográfica de um ambiente urbano aborda obstáculos dotados da intervenção humana e que se integram às instalações de infraestrutura caracterizadas pela não uniformidade, de modo que não se pode definir o aspecto geográfico de uma localidade apenas generalizando-a. A especificidade de cada ambiente urbano traz consigo a necessidade de se conhecer e estudar a fisiografia da cidade em questão (SOUSA, 2020).

No que tange à dimensão social, alguns fatores geográficos interagem com as características da população em si, de modo que interfira nas convicções sociais, seja no campo econômico, político ou religioso, tais fatores permitem analisar as particularidades daquela localidade e para a tropa atacante desfrutar das dificuldades impostas pelo meio social, ou ainda à tropa que defende examinar as formas pelas quais pode utilizar a população em seu jogo da guerra, respeitada a dignidade e direitos resguardados pelos atos internacionais.

Esta interação da dimensão social com a manobra pode ser difundida através da dimensão informacional, que permite obter o essencial apoio da população no interior da localidade. O impacto deste apoio ultrapassa os limites das zonas de ação e abrange a manutenção do território ocupado, bem como a consolidação das infraestruturas sociais e militares estabelecidas. A obtenção deste aspecto depende de condicionantes desde o comportamento da tropa empregada e o trato social até a viável divulgação dos atos das frações a fim de persuadir a população através da propaganda e dos diversos meios de comunicação social, não obstante as questões cibernéticas e da informação.

O espaço urbano possui vias de acesso restritas e que canalizam o movimento, possui diversos obstáculos artificiais como as próprias edificações e ainda viabiliza em largo espectro a utilização de emboscadas aéreas e anticarro. Fatos estes que poderiam restringir o uso das viaturas nos combates das cidades. As localidades configuram ainda como importante acidente capital às múltiplas operações militares.

Este ambiente difuso traz impeditivos aos carros de combate, como por exemplo a blindagem reduzida nos flancos dos veículos, bem como em sua superfície superior. Outrossim, os reduzidos campos de tiro devido aos compartimentos dos prédios, o empecilho de aquisição de alvos em elevação e a dificuldade de progressão por vias estreitas são fatores que também limitam o emprego dos carros de combate no interior da localidade, facilitando a atuação de elementos destacados da defesa inimiga. (GOTT, 2006).

Essa pluralidade do ambiente questiona o emprego da plataforma nos ataques à localidade, devido à letalidade das ameaças e à vulnerabilidade conferida à tropa em ofensiva, fato atestado pela enorme quantidade de blindados destruídos na Segunda Guerra do Líbano e na Primeira Batalha de Grozny (MESQUITA, 2008).

Ainda assim se justifica a presença da tropa blindada nos combates urbanos pela necessidade de conferir proteção blindada para a progressão de qualquer tropa de infantaria, pela indispensável potência de fogo para neutralizar as frações mais poderosas que protegem o local, pela imperiosa precisão dos fogos e observação, bem como aferição de distância e ainda a munição alto-explosiva contra tanques (HEAT) para destruição de alvenarias e obstáculos artificiais que prejudicam a limpeza do objetivo por parte dos fuzileiros (GOTT, 2006).

Estes ataques a localidades são definidos pelas operações em áreas edificadas, conflitos decorrentes do ambiente urbano e moldados pela singularidade da urbanização desorganizada e dos elementos distintos destas regiões.

2.2.1 Operações em áreas edificadas

É interessante ao conceituar as operações em área edificada diferenciá-las do ambiente urbano por si só, sendo este último um combinado de aspectos sociais, físicos e humanos em locais que possuem a infraestrutura urbana somada a edificações contínuas e integradas pela presença da população (BRASIL, 2018).

As operações em áreas edificadas são operações complementares complexas e podem ser descritas conforme Brasil (2017, p. 4-12): "Operação em área edificada é aquela realizada com o propósito de obter e manter o controle de parte ou de toda uma área edificada, ou para negá-la ao inimigo."

As condicionantes geográficas que diferenciam as operações em área edificada são o terreno, a infraestrutura, a população e os meios de comunicação em massa, tornando esse tipo de operação abstrusa e carregada de peculiaridades.

A importância de se conquistar áreas edificadas consiste em obter instalações e meios para dispor elementos logísticos da tropa que ocupa uma localidade, bem como dominar eixos de transporte e suprimento que converjam sobre a cidade, facilitando a utilização de viaturas motorizadas e mecanizadas nestas vias de acesso.

Esse protagonismo desse ambiente operacional o torna um acidente capital de fundamental controle para a tropa que avança numa ofensiva, além de possuir internamente por vezes outros acidentes capitais como estações de tratamento de água, geração de energia, aeroportos ou acesso a eixos fluviais.

A vasta presença humana gera uma vultosa necessidade de análise das considerações civis dentro dos fatores da decisão e o comandante deve alinhar seu planejamento a essas complexidades a fim de manter o controle desse essencial ambiente.

O terreno incide nas missões em áreas edificadas de modo a canalizar o movimento da tropa, exercitando a flexibilidade ao obrigar os comandantes de pequenas frações a atuar de forma descentralizada. Ainda o terreno reduz não só a velocidade de progressão da tropa, bem como a capacidade de observação e campos de tiro, inviabilizando correntemente a detecção e identificação positiva das ameaças.

As limitações de terreno refletem ainda sobre o comando e controle nas operações, dificultando a manutenção do apoio mútuo e do contato tanto visual como via rádio, o que por consequência é um entrave aos planejamentos e consciência situacional do comandante.

Esse ambiente traz complexidade, não só pela dimensão física e humana, mas ainda pela informacional, tendo em vista que o necessário apoio da população, advindo da alta densidade

populacional, depende da forte e constante persuasão através de ações cívico-sociais e uma correta comunicação social, fugindo muitas vezes as batalhas do campo operacional e abrangendo o campo da informação.

As regras de engajamento são pontos fundamentais também, considerando os diversos pontos sensíveis da localidade, ligados à saúde, água, energia elétrica, alimentação e educação, que sobrepõem os recursos naturais do local, a fim de garantir não somente o respaldo jurídico, mas também o já referido apoio da população.

O predomínio do combate aproximado nas localidades aparentemente configura um empecilho ao emprego de blindados e das forças-tarefa subunidade blindada, contudo os combates modernos têm mostrado o constante emprego do meio nesse tipo de operação, ambiente abarcado de cobertas e abrigos que podem proporcionar efetividade dos sistemas de armas.

Dentro dessas limitações das áreas edificadas como os campos de tiro e observação restritos, a mobilidade reduzida, a vultosa quantidade de obstáculos e a presença humana, pode-se dividir a localidade em planos distintos de combate (ROCHA, 2019) que são: o superior, a superfície e o subterrâneo.

O plano superior engloba lajes, terraços e andares mais altos que conferem posições de comando, possibilitando o emprego de elementos destacados a poucos homens portando armamento anticarro em posições desenfiadas, tornando-se fundamental a limpeza dos objetivos por parte dos atacantes, pois a tropa que defende possui vantagem nesse plano.

A superfície abrange as vias de acesso, os pontos sensíveis e os acidentes no terreno que se localizam na altura das ruas, como as construções diversas e os cursos de água. É o plano que mais equilibra o combate para a fração em ofensiva, de forma a poder explorar as possibilidades dos carros e sistemas de armas, ainda possibilitando a aquisição e identificação de alvos pelos meios optrônicos disponíveis, sendo o local principal dos embates propriamente ditos, porém quando coberta por escombros caracteriza também fortaleza à tropa que defende.

Há ainda o meio subterrâneo que confere à tropa que defende diversas oportunidades de emboscada, seja com armamento anticarro em gasodutos ou porões, seja em cachês enterrados em proveito do ressuprimento das frações ou instalações diversas abaixo da superfície.

2.2.2 Ataque a uma localidade

O ataque a uma localidade, área edificada, ou ambiente urbano pode estar inserido no contexto de operações urbanas ou nas operações complementares em área edificada,

consistindo de forma sumária na fração que busca a ofensiva sobre o acidente capital referido para agir em proveito do escalão superior, seja no estabelecimento de uma base de combate, de uma área de trens ou ainda no aproveitamento do êxito.

A dominância da área edificada pode abranger a demanda pelas vias de acesso convergentes, explorando recursos logísticos, informacionais e bélicos disponíveis a fim de manter elevado o moral da tropa e para gerar um ambiente protegido e confortável às frações.

Esta manobra confere peculiaridades inerentes ao ambiente operacional urbano, intensificadas pela presença dos blindados no teatro de operações, que por suas características podem tornar-se mais aptos a algumas ações específicas no ataque.

As fases do ataque são: o isolamento, a conquista de uma área de apoio em sua periferia e a progressão no interior de uma localidade. Devido às possibilidades da tropa blindada, as FT SU Bld são mais aptas ao emprego no isolamento, contudo a presença de blindados na localidade defendida configura um novo quadro de necessária atuação da FT, podendo atacar sistematicamente e capturar a localidade (BRASIL, 2021).

As vantagens do emprego de viaturas blindadas de combate podem ser definidas pela capacidade de observação e engajamento de alvos pelos sistemas de armas, bem como a precisão destes armamentos, ligados à necessidade de vigilância e detecção das ameaças, fatores todos ligados ao poder de fogo, ação de choque e mobilidade da natureza desta tropa (BRASIL, 2021).

Entretanto, a manobra da plataforma de combate é agravada devido à variada presença de obstáculos e escombros, à dificuldade de manutenção das distâncias entre as frações, à lenta progressão e aos campos de tiro reduzidos devido ao terreno, particularidades que exigem dos comandantes o estudo minucioso da zona de ação a fim de evitar a exposição destas vulnerabilidades (BRASIL, 2021).

Apesar do largo emprego no cerco, ratifica-se a singularidade da presença blindada em investimentos de localidades dotadas de meios semelhantes ao da tropa atacante, por isso a progressão no interior da localidade pode dividir-se em três tipos de procedimento de execução: o investimento sistemático, o investimento seletivo e o investimento misto.

O investimento sistemático pode ser empregado quando há tempo disponível ou a segurança é preponderante em detrimento da velocidade, pois consiste na atuação dos fuzileiros blindados de aparelho em aparelho, realizando a limpeza dos objetivos no vasculhamento detalhado, de forma a empregar as VBCs em apoio à progressão dos Fuz Bld.

Já no investimento seletivo o aspecto mais relevante é a rápida penetração, empregado quando se possui um estudo sumário do inimigo e concluem-se posições exatas e pontos fortes,

de forma a orientar a progressão por menos vias de acesso a fim de atuar de maneira incisiva sobre os alvos já designados. Esse método prioriza o emprego embarcado, bem como o rápido engajamento das VBCs.

O investimento misto divide a área urbana em setores, de forma a definir responsabilidades às frações que atuam, tendo cada setor seu método de investimento, seja seletivo em áreas que as posições inimigas são conhecidas, seja sistemático onde a situação é incerta, definindo todo o procedimento a ser executado na progressão durante o planejamento detalhado.

Os objetivos comuns às localidades buscados pelas FT são instalações militares, repartições públicas e regiões de comando, sendo fundamental o estabelecimento das medidas de coordenação e controle que conduzem à conquista desses objetivos, pois o fratricídio neste terreno é frequente e as linhas de restrições de fogo tornam-se imprescindíveis à manutenção da tropa em combate.

Contudo, a conquista dos aparelhos não simultânea gera uma rápida mudança de zonas de ação e limites, aliada à facilidade de fuga e liberdade de manobra da tropa que defende no interior da localidade, aspectos que quando somados à dificuldade do comando e controle reproduz uma evidente chance de ocorrência de fogo amigo.

A velocidade de progressão é reduzida progressivamente, viabilizando a ação das armas anticarro, ataques aéreos e fogos de artilharia, emboscadas todas facilmente empregadas pela tropa em defesa, necessitando o adestramento pontual das técnicas, táticas e procedimentos no investimento a uma localidade.

Já estabelecida a conquista dos acidentes capitais externos à localidade por outras frações blindadas, conferindo bloqueio, proteção e vigilância sobre as vias de acesso que convergem para o objetivo, obtida a orla anterior da localidade, evitando o tiro direto e observação inimigos, a TTP da FT durante o investimento é de progressão desembarcada dos fuzileiros e de apoio mútuo por parte dos blindados.

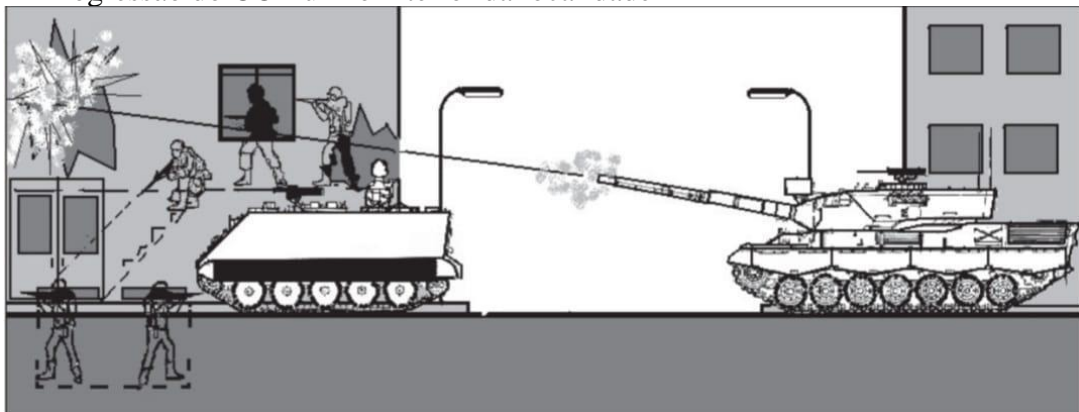
Na progressão dos fuzileiros deve-se considerar o plano subterrâneo, bem como as brechas de edificações a fim de evitar os fogos rasantes inimigos, sendo de suma importância a ação fumígena ao buscar atividade inimiga de curta distância, campos minados e armamento anticarro, além de atuar sobre os ângulos mortos dos armamentos solidários às viaturas.

Os carros de combate bem como as viaturas blindadas de transporte pessoal desobstruem as vias em proveito dos fuzileiros, apoiando pelo fogo os lanços e principalmente incidindo sobre objetivos específicos de forma a isolá-los, evitando o emprego neste ambiente das munições de energia cinética que geram estilhaços perigosos aos fuzileiros da tropa amiga.

O apoio mútuo é corroborado pela atuação em alas em lados opostos da via, realizando o fogo cruzado em áreas de recobrimento, assim evitando setores que não sejam batidos por fogos e os lanços aproveitam a boa disponibilidade de cobertas e abrigos do espaço urbano.

A apropriada utilização do terreno e o correto aproveitamento de itinerários desenhados e posições abrigadas são as primeiras medidas passivas a evitar a ação de emboscadas anticarro, aéreas e de fogos indiretos, todavia, para isso dependem da limpeza dos prédios (figura 1) circundantes por parte dos fuzileiros (BRASIL, 2002).

Figura 1 - Progressão do CC-Fuz no interior da localidade



Fonte: BRASIL, 2002.

No que concerne às técnicas de ação imediata diante de ameaças aéreas, são mais frequentes à tropa que investe sobre a localidade, contanto não abstém a necessidade de uma defesa antiaérea, a qual é genérica à dispersão e manobras evasivas de difícil emprego neste tipo de ambiente. Perante fogos indiretos inimigos, a tropa atacante fica vulnerável devido à canalização do movimento natural do espaço urbano, tendo como medidas aquelas semelhantes a uma defesa antiaérea.

As ações extremamente descentralizadas também configuram problemática ao ataque a uma localidade, pois se somam à dificuldade anteriormente citada de comunicação e ao alto grau de risco de fratricídio, tornando-se essencial a autorização para prosseguir no avanço nas linhas de controle estabelecidas pelo comandante da força-tarefa por parte dos elementos subordinados das pequenas frações.

2.3 AS GUERRAS DA CHECHÊNIA

Os eventos do final da Guerra Fria somado à Queda do Muro de Berlim em 1991 trouxeram ao Mundo Contemporâneo o estabelecimento de uma “Nova Ordem Mundial” e

também uma dissensão no polo soviético do planeta, dando margem ao final da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e início do processo de luta pela independência de diversas repúblicas da região dos Bálcãs e do Cáucaso.

Esse fenômeno de busca pela identidade nacional ocorreu não só na Bósnia e Iugoslávia, mas também em pequenos territórios como a Chechênia, uma região entre o Mar Cáspio e Negro, que se destaca por seus oleodutos de petróleo interessantes a Federação Russa, contudo que possui em sua nação uma busca histórica cultural e étnica.

Neste contexto de dissolução das antigas repúblicas soviéticas, o presidente nacionalista Djokhar Dudayev declarou a independência da República Autônoma da Chechênia em 1991, causando um processo de oposição política russa, que recusou a reivindicação chechena e, posteriormente, militar, desencadeando uma série de coerções contra as medidas (MELLO; ALVES, 2020).

A oposição interna à emancipação era financiada por Moscou tanto nos aspectos políticos quanto nos bélicos, de modo a Boris Yeltsin, presidente russo, fornecer os meios de emprego militar e contingente aos opositores em Agosto de 1994 e exigir a rendição chechena em 29 de Novembro daquele ano.

Dudayev recusou as ordens do Kremlim, que por sua vez decidiu pelo emprego do exército russo na restauração do que Yeltsin chamava de ordem constitucional de modo coercitivo. O conflito propriamente dito iniciou-se em 1º de Dezembro de 1994 através do bombardeio a Grozny (MELLO; ALVES, 2020).

2.3.1 A Primeira Guerra da Chechênia

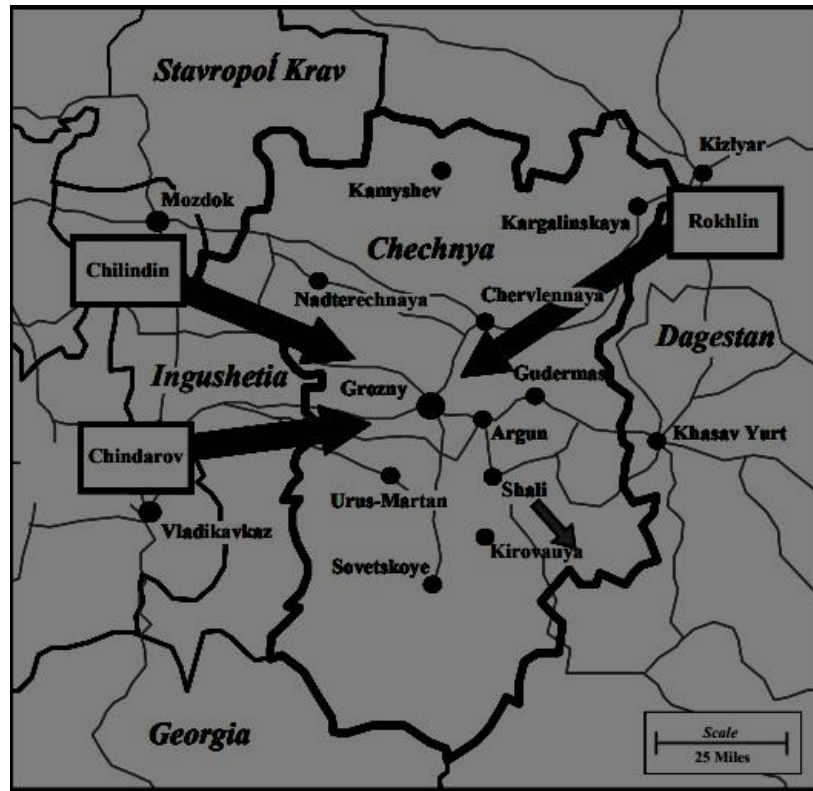
Iniciada a progressão das colunas mecanizadas russas, divididas em 3 frentes (ilustrada na figura 2), a infantaria seria empregada embarcada nas VBTPs, bem como os fogos indiretos apoiariam os lanços da cavalaria russa de forma simultânea ao lançamento de paraquedistas ao longo dos eixos, tendo a manobra russa como objetivos principais o Palácio do Governo de Grozny e a estação ferroviária.

O general russo Anatoly Kvashnin comandava as tropas do Norte do Cáucaso, sendo que em 13 de Dezembro de 1994 os elementos do ataque coordenado principal já se encontravam no perímetro externo a Grozny, contudo se depararam com uma resistência maior que a esperada (KELLER, 2000).

Quinze mil chechenos protegiam a cidade com uma manobra de três anéis concêntricos de defesa, contando ainda com posições defensivas organizadas pelo comandante militar

checheno, o coronel Asian Maskhadov, e dispersas pelas vias que convergem sobre Grozny (KELLER, 2000).

Figura 2 - Manobra russa em Dezembro de 1994



Fonte: GOTT, 2006.

Ao cruzar a fronteira, a fração russa enfrentou um bloqueio de civis chechenos que destruíram viaturas inimigas e retardaram o avanço daquela coluna. Os empecilhos dos civis não se detinham às vias, mas também às localidades que dispuseram até mesmo de mulheres para impedir a progressão daquela tropa comandada pelo General Ivan Babichev.

Esta primeira frente Oeste não avançou sob ordem de seu comandante, que se negou a neutralizar a população local. Concomitante ao fato, a coluna oriental não obteve êxito em sua progressão por razões semelhantes, de modo que as tropas do esforço principal já em preparação ao ataque foram prejudicadas pelo retardo das frentes externas devido às considerações civis.

A inteligência chechena foi capaz de persuadir Kvashnin, enviando relatórios aparentemente das colunas oriental e ocidental de sucesso nas operações, confundindo o comando e controle russo, além da verídica situação russa que abrangia deparar-se com pontes armadilhadas, campos minados e um consequente atraso dos elementos de apoio da força da ação principal (KELLER, 2010).

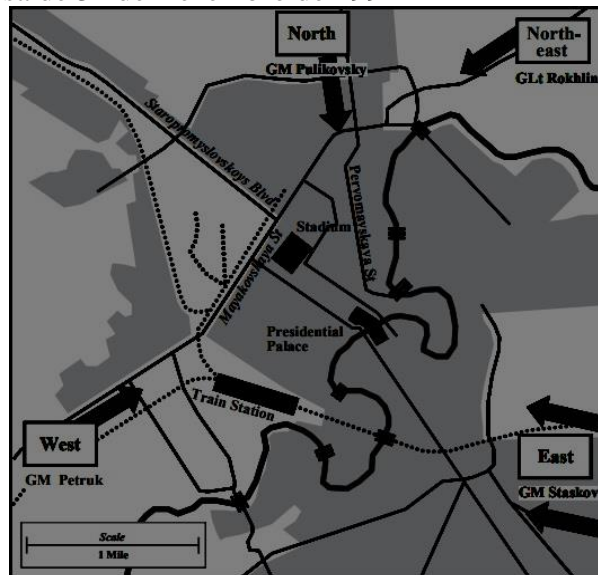
A distância das unidades logísticas chegava a 40 quilômetros de Grozny, enquanto que

os chechenos estavam dispostos conforme o planejamento de Maskhadov, sendo dotadas de viaturas blindadas de combate de infantaria, dezenas de fortalezas cercadas por minas e ainda obstáculos lançados de forma a propiciar a fixação do inimigo nas posições armadilhadas.

Dadas às circunstâncias, Kvashnin ao se deparar com um quadro inesperado decidiu interromper o avanço, retraindo para os arredores de Grozny em 21 de Dezembro, organizando seus meios em posições de comando e acidentes capitais fora da localidade, na busca do cerco do perímetro urbano, deixando ainda a saída Sul desguarnecida.

A nova investida ainda se basearia em reconhecimento em força e ataques a objetivos específicos que configuram pontos críticos ao funcionamento das tropas e população chechena, como edifícios de rádio e televisão, edificações do governo e o campo de aviação de Khanvala, concentrando forte resistência chechena (MELLO; ALVES, 2020).

Figura 3 - Investida russa de 31 de Dezembro de 1994



Fonte: GOTT, 2006.

O avanço de destacamentos de assalto russos, apoiados por fogos indiretos e aeronaves de combate, buscava a surpresa ao escolher o dia 31 de Dezembro, conforme a manobra evidenciada pela figura 3, para romper a linha de partida através de elementos da 131ª Brigada Motorizada de Rifles e do 81º Regimento Motorizado de Rifles na conquista e consolidação da estação ferroviária, partindo em seguida para a tomada do palácio presidencial.

Fato relevante é o comportamento da tropa, que era fracamente adestrada, durante a consolidação e manutenção destes objetivos, considerando que os blindados russos se posicionaram em colunas uniformes e vulneráveis da estação ao palácio, e as tropas pertencentes a essas guarnições não realizaram dispositivos e medidas de segurança, nem tão

pouco se atentaram a evitar pernoites em viaturas, prejudicando todo o aspecto defensivo das ações no objetivo.

Maskhadov, formado no Exército Soviético, mobilizou uma forte defesa cibernética com satélites, aliada à larga utilização de sistema de defesa aérea, com o emprego de 15 mil combatentes distribuídos nos carros de combate T-54 e T-62, VBCs de infantaria, morteiros e granadas lançadas por foguete (RPG), consistindo na tática de proteção chechena a constituição de uma espécie de posto de segurança estático nos pontos fortes da cidade e em cada um dos três anéis concêntricos de sua defensiva (GOTT, 2006).

O núcleo defensivo checheno era distribuído em profundidade com ações dinâmicas de defesa como as incursões e em posições de retardamento ocupadas com armas automáticas e armamento anticarro através de viaturas civis. No plano superior (andares elevados) e subterrâneo (porões) as metralhadoras neutralizavam os fuzileiros russos simultaneamente ao emprego das RPGs sobre os CCs inimigos. À percepção de inércia no combate, os chechenos se moviam para fora da cidade, desbordando e surpreendendo os russos pela retaguarda (GRAU; THOMAS, 2000).

As emboscadas chechenas evidentemente se deparavam com a reação das tropas de Kvashnin, entretanto o combinado das fugas sobre jipes civis, o conhecimento das vias locais, e a apropriada utilização das trincheiras já sumariamente preparadas conferiam aos chechenos a capacidade de neutralizar a reação russa, ampliando-lhes as vantagens devido ao alto grau de mobilidade destes pequenos destacamentos aliado à falta de geoinformação atualizada por parte dos russos.

A resposta das tropas de Dudayev deu-se em menos de 24 horas e a intenção fracassada de surpreender os combatentes locais através do dia escolhido foi dissipada ainda no dia 1º de Janeiro, representando a primeira batalha de Grozny o maior arcabouço de lições ao exército russo, permanecendo assim o palácio presidencial sob o controle checheno até a investida subsequente.

O combate aproximado e de gradual progressão manteve-se constante ao redor do palácio e os escombros gerados pela artilharia russa canalizavam ainda mais a mobilidade das peças de manobra, sendo somente o bombardeio de 19 de Janeiro de 1995 capaz de dizimar as resistências subsequentes dos andares e porões do principal edifício de Grozny (figura 4), destacando o ataque como a vitória russa publicada pelos veículos de informação de Moscou.

Figura 4 - Situação em Grozny após 20 de Janeiro de 1995



Fonte: GOTT, 2006.

A realidade encontrada no campo tático e operacional foram enfrentamentos até o final de Fevereiro, favorecendo o lado de Moscou somente pelos inúmeros reforços recebidos no período, obrigando as forças chechenas a gradativamente abandonar a cidade e ocupar as montanhas da região externa a Grozny, que, por sua vez, realizaram ao longo da fase subsequente diversas ações terroristas e de forças irregulares em campanhas, visando a restauração do domínio de Dudayev.

Os chechenos em táticas de guerrilha se misturaram à população, atuando com ações pontuais sobre objetivos críticos, reconhecimentos e recuperação de pontos-chave de Grozny. Os russos, em resposta, pediram em vão reforços que não foram enviados.

Após a pressão chechena tanto jurídica quanto militar, destacada pela infiltração em Agosto de 1996, na fracassada tentativa de contra-ataque russo devido às emboscadas comandadas pelo checheno Shamil Basayev, Yeltsin acorda um cessar fogo, oficializado no ano seguinte, idealizando a independência oficial a essa República do Cáucaso. Além das diversas baixas russas, a primeira guerra representou uma derrota para este povo, sendo comparada até mesmo à Guerra do Vietnã para os Estados Unidos (KELLER, 2000).

2.3.2 A Segunda Guerra da Chechênia

A mudança de postura do Kremlin pode estar intimamente ligada à troca de primeiro-ministro, pois em 1999, Yeltsin juntamente ao novo Chanceler Vladimir Putin decidem retomar os ataques. A justificativa russa se alia ao crescimento do movimento islâmico em províncias chechenas e, com isso, o governo russo foi capaz de ocultar ações indiretas e não convencionais nas quais elementos atuavam sobre as províncias do Norte do Cáucaso.

A guerra da informação foi crucial na alegação da não satisfação da população local com a emancipação obtida, a fim de justificar atividades de oposição, sendo os fatos recorrentes de problemas de criminalidade ou ataques indistintos, além das investidas jihadistas sobre o Daguestão, fatores preponderantes à decisão russa de retomar as ações militar contra a subversão (PAIN, 2000).

Ao final de 1999, o exército russo iniciou o novo confronto em Grozny corrigindo diversas falhas cometidas entre 1994 e 1996, evitando os antigos erros de comando e controle que facilitavam interceptação de mensagens, enquanto que os chechenos mantiveram similares táticas de comunicações quando comparado ao primeiro confronto.

As mudanças abrangeram a dimensão informacional devido ao controle dos meios de comunicação, a dimensão humana através dos levantamentos de inteligência que apoiaram o novo planejamento e a dimensão física carregada pelo emprego do apoio de fogo, aéreo e das peças de manobra, não se limitando a Grozny, mas explorando também, com metade de seu efetivo, outras regiões da Chechênia, conforme mostrado na figura 5.

Os novos comandantes de apoio de fogo russo sistematizaram o emprego das baterias de artilharia de maneira mais metódica, corroborando o apoio mútuo a cada subunidade dos elementos de manobra que avançavam, bem como da divisão dos setores de apoio de fogo de modo a evitar a extensa condução de fogos convergentes que prejudicaram o avanço das tropas russas na primeira batalha de Grozny, atuando de forma incisiva no interior da localidade com ataques rápidos pela plataforma aérea.

Nesta subsequente e mais cautelosa investida, os blindados foram utilizados no cerco a fim de bloquear a entrada e saída de guerrilheiros em Grozny, somados a um estudo minucioso do terreno realizado pelo General Gennadiy Troshev, não se detendo somente às vias da planimetria da localidade, mas também ao plano superior e subterrâneo, dentro do conceito de tridimensionalidade do ambiente urbano, com atuação de elementos de reconhecimento e engenharia de combate, obtendo apenas 10% de baixas quando em relação aos combatentes chechenos no supracitado confronto (THOMAS, 2000).

Figura 5 - Investida russa em 1999



Fonte: PAIN, 2000.

Até Maio de 2000, as forças de Putin já haviam restabelecido o controle sobre a Chechênia, restando apenas fracas resistências. Estas, perduraram em ações isoladas terroristas, que fracassaram na tentativa de restauração chechena durante os nove anos subsequentes, de fato, confirmando a constante instabilidade da região e contínua necessidade de solução política e social para a etnia presente na região.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 TIPOS DE PESQUISA

Os dados e relatos referentes ao conflito na Chechênia, com ênfase no emprego dos blindados no combate, balizaram a análise das lições aprendidas pela Rússia, a fim de integrar estas técnicas, táticas e procedimentos de uma força-tarefa subunidade blindada em localidade à doutrina brasileira.

Através da revisão bibliográfica dos manuais de Força-tarefa Subunidade Blindada, Operações e Operações em Área Edificada, no que tange ao procedimento, pôde nortear-se a base científica do texto, bem como a ferramenta documental e de estudo de caso dos fatos ocorridos nos confrontos em Grozny ao final do século XX retirados de monografias de autores estrangeiros e brasileiros.

Os instrumentos de coleta de dados não se resumiram aos textos da Doutrina Militar Terrestre Brasileira e às análises de especialistas bélicos, mas também abrangeram duas entrevistas realizadas com o Maj Matozo e o Maj Dornelles, a fim de reiterar a hipótese da absorção das lições aprendidas em Grozny para o emprego dos blindados em localidade, corroborando a proposta do trabalho.

Quanto à profundidade, o tipo de estudo adotado foi o explicativo, à proporção que houve a relação entre as variáveis força-tarefa subunidade blindada, operações urbanas e as batalhas de Grozny, com o objetivo de definir as razões pelas quais a referida guerra influenciou na evolução da doutrina brasileira relacionada aos procedimentos de frações blindadas em localidades, bem como motivos estes que ainda podem ser aproveitados em benefício da utilização desta plataforma de combate.

A abordagem empregada foi a qualitativa, à medida que restringe a complexidade da atuação dos meios blindados no ambiente operacional urbano, de maneira particular ao que foi observado dentro do espaço-tempo estabelecido na pesquisa, analisando as variáveis de cada fase das operações no Norte do Cáucaso, com a finalidade de contribuir em proveito da força-tarefa subunidade blindada no Brasil.

A fim de testar a hipótese da pesquisa foram realizadas diversas revisões bibliográficas divididas nos subtemas força-tarefa subunidade blindada, operações em áreas edificadas e Guerras da Chechênia. Partindo, em princípio, da coleta de dados da Doutrina Militar Terrestre e de consulta a artigos e monografias ligadas aos confrontos em Grozny, foi possível selecionar as fontes para análise.

Em seguida, foi desenvolvida a base teórica do trabalho, levantando a necessidade de aprofundar o emprego de blindados em ambiente urbano nos manuais internos. Por conseguinte, foi possível integrar as lições aprendidas em Grozny ao que já contém na doutrina brasileira, apresentando também os aspectos ausentes no Manual de Força-Tarefa Subunidade Blindada observados na Guerra da Chechênia, comprovando assim a hipótese da pesquisa.

Para corroborar a problemática, foram utilizadas duas entrevistas que consolidaram a importância do detalhamento de técnicas, táticas e procedimentos da FT SU Bld no investimento a uma localidade..

3.2 MÉTODOS

O método selecionado durante a pesquisa foi o indutivo, tendo por base o estudo de caso das variadas investidas russas sobre a Chechênia, a qual explorou falhas cometidas pelas forças de Moscou, certificadas pelas próprias correções feitas pelos comandantes russos, de modo que estes ajustes sirvam de base para adoção de boas práticas ao emprego dos blindados pelo Exército Brasileiro, bem como o apoio ao melhoramento das técnicas, táticas e procedimentos das peças de manobra nas operações em área edificada (CRUZ; RIBEIRO, 2003).

Pode-se verificar também a utilização do método histórico, à medida que foram levantados dados e fontes primárias referentes à Guerra da Chechênia, analisando toda a revisão bibliográfica da pesquisa, a partir da qual foi possível realizar uma avaliação crítica destes dados apresentados e suas respectivas conclusões inferidas nos resultados do presente trabalho.

3.3 ENTREVISTAS

Foram realizadas duas entrevistas com especialistas a fim de subsidiar a resposta da hipótese, comprovando a necessidade de aprofundamento doutrinário no Manual de Força-Tarefa Subunidade Blindada (2021). A escolha dos entrevistados, respectivamente, justifica-se pelo período em que o Maj Dornelles foi instrutor do Centro de Instrução de Operações Urbanas (CIOU) e instruções ministradas acerca da temática de Grozny e ainda pelo conhecimento adquirido pelo Maj Matozo, instrutor do Centro de Instrução de Blindados (CIBld), no que concerne ao emprego de blindados em localidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao definir a força-tarefa subunidade blindada somada ao emprego de blindados, é possível relacionar os elementos de manobra desta natureza às operações em área edificada, bem como ao ambiente operacional urbano, com o objetivo de, ao extrair a sequência das ações ocorridas na Guerra da Chechênia, integrar as lições aprendidas russas à doutrina brasileira no que concerne ao emprego de blindados em localidade.

4.1 O EMPREGO DA FT SU BLINDADA NAS ÁREAS EDIFICADAS

Apesar de expor as missões realizadas tanto pelos carros de combate como pelos fuzileiros blindados em localidade, observa-se a doutrina brasileira incipiente quanto à descrição das técnicas, táticas e procedimentos da força-tarefa subunidade blindada em operações em área edificada dentro do contexto do combinado CC-fuzileiro.

O emprego do meio blindado restrito às ações principais que as frações realizam no investimento a uma localidade transmite a impressão genérica da doutrina brasileira no ambiente urbano, tendo em vista a crescente utilização desta plataforma de combate em áreas edificadas, evidenciada por combates como a Guerra do Iraque e a Guerra da Chechênia.

À medida que o Manual da Força-Tarefa Subunidade Blindada apresenta as tarefas-chave da fração inserida na fase do cerco, da conquista de uma área de periferia e da progressão no interior da localidade, limita-se ao verbo das possibilidades dos carros de combate e fuzileiros blindados em áreas edificadas, deixando de abordar aspectos como o comando e controle neste ambiente, as formas de emprego diante da tridimensionalidade do espaço urbano e as técnicas de ação imediata diante de naturezas inimigas específicas.

No que concerne ao comando e controle, aponta-se a limitação ao emprego das comunicações, justificada pelos edifícios que inviabilizam a transmissão dos dados, dificuldade pouco explorada pelo já citado manual, ressaltando a necessidade de flexibilização do meio rádio, bem como a fundamental criptografia minuciosa combinada à utilização de mensagens pré-estabelecida no propósito de reduzir as chances de interceptação inimiga.

Referente à tridimensionalidade do espaço urbano, o nível subterrâneo é pouco exposto na Doutrina Militar Terrestre, enquanto que o plano superior não é especificado também na doutrina nível subunidade, sendo necessária a consulta ao texto que generaliza as forças-tarefas, conforme BRASIL, 2002 (p. 9-6):

Na progressão no interior da área edificada, os carros de combate devem atirar no segundo andar de casas e prédios, abrindo passagem para os fuzileiros que, subindo nas VBTP / VBC- Fuz, podem acessar as edificações pelo segundo pavimento e realizar a limpeza das resistências inimigas.

Observa-se em diversos estudos de casos a frequente presença de elementos destacados em porões, andares elevados de edifícios e terraços, sendo elemento essencial de emboscada da tropa que defende uma localidade, tornando-se necessária a adoção de medidas de neutralização destas frações, seja com o uso da precisão dos armamentos solidários às viaturas blindadas, seja na consolidação dos planos inferiores e superiores por parte dos fuzileiros desembarcados, continuamente apoiados pelos fogos dos carros de combate.

4.1.1 Técnicas de Ação Imediata

As Armas Anticarro (AAC) configuram a maior ameaça às tropas blindadas, não só pelo poder de penetração de seu material, mas também a mobilidade conferida aos seus atiradores, sendo essencial a descrição com alto grau de detalhamento dos procedimentos a serem adotados diante do alvo compensador, como o lançamento de fuzileiros destacados para garantir a ausência de armamento anticarro para o prosseguimento da tropa CC.

Diante da presença detectada desta natureza inimiga, faz-se necessária a neutralização por parte dos fuzileiros desembarcados e apoiados pelas viaturas desenfiadas e abrigadas. Esta detecção é facilitada diante do emprego de meios aéreos de precisão como sistemas aéreos remotamente pilotados (SARP) não só na observação como na respectiva destruição da AAC, ou ainda diante de elementos de inteligência que viabilizem a rápida identificação positiva desta ameaça.

A despeito de fogos de artilharia sobre o dispositivo da FT SU blindada, torna-se imprescindível a adoção de uma rápida maneabilidade que permita dispor as viaturas dispersas, evitando a destruição precoce de vários meios por uma única condução de fogos. Tendo em vista que os fogos indiretos no interior de uma localidade por vezes advêm da força amiga, devem ser bem coordenados, a fim de não só evitar o prejuízo do avanço da coluna atacante, bem como impedir casos de fratricídio.

As ameaças aéreas articulam um risco complexo à formação disposta pelos blindados devido à ação incisiva, veloz e precisa das aeronaves, podendo impor movimentos arriscados de rompimento de contato no ambiente urbano. As manobras evasivas exigem espaço aberto, fator ausente nas localidades, somado à dificuldade de evitar a uniformidade de dispositivos,

pois as vias de acesso no interior de uma cidade regularmente seguem um padrão.

Perante ações de inimigo aéreo, é necessária a larga utilização das metralhadoras antiaéreas das VBCs segundo um prévio planejamento do comandante da FT, baseado no estudo minucioso do terreno e coordenado em setores de responsabilidade às frações. Para isso, é imperiosa a conquista do plano superior das edificações, aliada à utilização de meios de armamento antiaéreo, à medida que estes procedimentos devem complementar a fase do cerco.

No interior da localidade, os elementos atacantes posicionados nos andares elevados dos prédios já conquistados possuem condições de empregar a defesa antiaérea, bem como as tropas externas que cercam o espaço urbano podem atuar sobre as aeronaves a fim de bloquear o acesso destas na zona de ação principal.

4.2 AS LIÇÕES APRENDIDAS EM GROZNY

O exército russo ao planejar a investida sobre o território checheno no final de 1994 negligenciou diversos aspectos indispensáveis a uma operação bem-sucedida, valendo-se da hipótese de fraca resistência inimiga e domínio por efetivo largamente superior, ressaltando o princípio de guerra da massa, conforme Matozo, 2023:

As duas investidas russas no conflito da Chechênia contribuíram para o estudo e o aperfeiçoamento do emprego de plataformas blindadas em um ambiente urbano. A Rússia, por ocasião da primeira investida, ao desconsiderar a capacidade anticarro chechena, ao empregar os carros de combate sem o devido apoio de fuzileiros, e ao não avaliar corretamente as ameaças, sofreram baixas vultosas, consideradas como uma rápida e grande derrota russa. Tal revés exigiu dos russos um melhor planejamento, uso judicioso dos meios, maior coordenação e controle, maior integração com elementos desembarcados e o uso (doutrina soviética) de maior quantidade de viaturas blindadas para superar as defesas chechenas.

As tropas de Moscou foram surpreendidas por uma defesa organizada e baseada em elementos destacados capazes de através de ações não convencionais neutralizar seus alvos de alto valor, que se resumem às forças-tarefas blindadas da força de Yeltsin, além dos anéis concêntricos de defesa que proporcionaram uma proteção em camadas, desgastando o avanço russo.

A negligência russa se inicia pelo emprego de tropas, em prejuízo do princípio de prontidão, pouco adestradas quanto aos Meios de Emprego Militar (MEM) e conduta em combate, fatos evidenciados diante das emboscadas anticarro da tropa de Grozny, às quais tiveram como resposta pelos fuzileiros russos a permanência embarcados e imóveis, vulnerabilizando ainda mais a plataforma blindada.

A ausência de segurança aproximada de tropas a pé aos blindados apresenta o primeiro fator preponderante à facilidade chechena em destruir carros de combate do exército russo, que por consequência gerou a remanescência dos elementos anticarro destacados por prédios e terraços espalhados pela cidade, permitindo novas emboscadas às tropas russas ainda em combate.

O emprego das RPG geralmente em grupos de 3 a 5 elementos também dotados de armas automáticas reduzia a velocidade de progressão do investimento seletivo russo, que por sua vez buscava rapidez, gerando uma necessidade de apoio logístico e de contingente para prosseguimento na operação.

O referido apoio foi prejudicado pela fixação das tropas russas nas frentes oriental e ocidental devido à interferência da dimensão humana nestes locais, contudo essa informação não foi transmitida ao comandante russo por mérito checheno na interferência do comando e controle russo, possibilitando aos defensores persuadir a tropa atacante de que já possuíam apoio necessário, detendo os chechenos então o controle da dimensão informacional do combate.

A situação agravou-se conforme os fogos de artilharia russos prejudicaram a própria progressão dos blindados em ofensiva, tendo em vista a crescente formação de escombros que canalizavam ainda mais o avanço russo, aliados ao emprego de armadilhas em pontos críticos como pontes e o espaço subterrâneo.

A falha russa engloba atitudes que denotam ausência de ensaios diante de ameaças notadamente esperadas, contingências diante de obstáculos possíveis e procedimentos frente à surpresa nos fatores de decisão terreno e inimigo. Caso o comando russo considerasse a vertente de preparo por parte dos chechenos, teria confeccionado um estudo de situação que levantasse as possíveis linhas de ação da defensiva inimiga.

A partir de um estudo detalhado, os russos poderiam capacitar-se para evitar surpresas, baseando-se em fundamentos ofensivos como esclarecimento da situação e segurança, a fim de realizar os jogos de guerra necessários para reação diante das ações dinâmicas das tropas chechenas em defesa.

Essas lições referentes ao planejamento, comando e controle e TTP deveriam balizar a investida do início de 1995, todavia o bombardeio somente tornou-se vitorioso devido ao largo reforço recebido e à agressividade do referido ataque, recuperando a posse do edifício do governo, ainda com técnicas de manutenção estática triviais.

Apesar das oportunidades de melhoria evidentes para os próximos meses, as recorrentes ações não convencionais chechenas sobre o Palácio Presidencial, que exploraram

vulnerabilidades russas através do uso de granadas, morteiros e RPGs, forçaram as tropas russas a abandonar Grozny efetivamente, conforme Dornelles, 2023:

Em Grozny o Exército Russo, na minha visão, pecou desde o planejamento inicial ao subestimar a resistência chechena e ao empregar boa parte do seu efetivo composto por recrutas, sem experiência alguma em combate, sobretudo em ambiente urbano. Em se tratando de TTP, o que considero mais crítico, são blindados terem sido isolados das tropas desembarcadas tornando-os alvos mais vulneráveis aos RPG chechenos que poderiam vir de qualquer ponto, inclusive daqueles em que as Vtr não possuíam condições de bater pelo fogo. Já no que diz respeito às TAI, o estabelecimento de rotas de fuga para a Vtr Bld, permitindo se evadir mais rapidamente do ataque pelo fogo dos operadores das armas anticarro e de tropas a pé que se utilizam de meios cinéticos para atingir lagartas ou rodas e motores das Vtr.

Somente na Segunda Guerra da Chechênia, o exército russo absorveu as oportunidades de melhoria, convertendo-as em boas práticas principalmente no que tange às técnicas, táticas e procedimentos e em particular às técnicas de ação imediata em ameaças específicas, e estas lições podem constar na Doutrina Militar Terrestre Brasileira de emprego de blindados no escalão subunidade nas operações urbanas.

4.3 A INTERAÇÃO ENTRE GROZNY E A DOCTRINA BRASILEIRA

É evidente a utilização de RPGs por parte de tropas que defendem uma localidade no plano superior e subterrâneo do ambiente urbano, sendo fundamental o levantamento de informes sobre posições de arma anticarro, bem como emprego de dispositivos aéreos para detecção e neutralização destas ameaças, aliados ao emprego dos fuzileiros desembarcados na limpeza dos objetivos de forma anterior ao avanço das viaturas blindadas, condutas que evitariam no caso de Grozny a larga destruição de blindados russos (THOMAS, 1999).

O procedimento foi adotado pelos russos na Segunda Guerra da Chechênia, tal como servindo de lição aprendida às técnicas, táticas e procedimentos de uma força-tarefa subunidade blindada em operação urbana no Brasil, viabilizando então a inclusão desta atitude na bibliografia da doutrina de subunidades blindadas.

Semelhante a isto, observa-se a necessidade de coordenação cautelosa de fogos para o emprego da artilharia amiga, pois os fogos indiretos russos por si só prejudicaram a progressão da tropa atacante. Caso houvesse uma coordenada distribuição do apoio de fogo, seria possível neutralizar os elementos do combate vertical que impossibilitavam o movimento russo (BILLODRE, 2018).

Disto infere-se que o risco dos fogos indiretos no interior de uma localidade é mais frequente quando disparado pelas forças amigas do que pela tropa inimiga, considerando a pequena quantidade de morteiros e obuses empregada pelo exército de Grozny. Para isso, a doutrina brasileira pode valer-se da maior integração das funções de combate em planejamentos nível subunidade.

A utilização de fogos indiretos pela tropa que defende evidencia-se como menos comum, sendo presente em casos de ações dinâmicas de defesa como o contra-ataque, a exemplo da tropa chechena no período em que perderam a posse de Grozny entre 1994 e 1995. Nestas situações, a TTP comum é semelhante ao combate convencional, não se detendo à dispersão, mas ainda valendo-se de limpeza de objetivos e fogos de contrabateria.

Quanto à defesa antiaérea, os russos deveriam focar estritamente no plano superior do ambiente urbano, destacado o fato de que os chechenos não empregaram meios aéreos propriamente ditos, mas sim armamentos simples como as metralhadoras e RPGs em vantagem de comando sobre os russos, figurados pelos andares elevados e terraços ocupados pelos destacamentos chechenos, sendo fundamental, e corrigido pelos próprios russos após as perdas, o estudo do combate vertical para designação de alvos às metralhadoras antiaéreas dos CC e VBC/VBTP.

Esta boa prática referente à proteção de riscos no plano superior do ambiente urbano também é pouco explorada nos manuais de campanha referentes às frações blindadas, levantando-se como relevante a inserção de designação de alvos previamente estudados às metralhadoras antiaéreas, bem como a coordenação destes fogos com os meios aéreos amigos em proveito da FT blindada (THOMAS, 1999).

Outro procedimento que trouxe dificuldade aos russos foi a falta de coordenação entre o desembarque e atuação dos fuzileiros em relação aos carros de combate, o que permitia aos portadores de RPGs destruir a maioria dos blindados inimigos simultaneamente ao emprego dos caçadores sobre os fuzileiros (GRAU; THOMAS, 2000). A peculiaridade de uma força-tarefa advém da presença de tropas de natureza diferente, sendo seu apoio mútuo fator preponderante ao sucesso nas operações.

O próprio comando militar russo absorveu cada oportunidade de melhoria da primeira investida russa sobre Grozny a fim de aperfeiçoar suas técnicas, táticas e procedimentos para a Segunda Guerra da Chechênia, corrigindo diversas condutas através das lições aprendidas no investimento inicial àquela localidade.

É possível revisar o Manual da Força-Tarefa Subunidade Blindada (2021), inserindo o domínio do comando e controle, a imposição de reconhecimento e vigilância aérea e a técnica

de ação imediata diante de armamento anticarro, condutas não constantes no referido manual, porém sumariamente citadas em outros documentos, como o Manual de Forças-Tarefas Blindadas (2002), que servem de base para um acréscimo nesse texto mais recente e específico.

O comando e controle mostrou-se na Chechênia fator decisor aos embates, sendo necessária uma abordagem, ainda que genérica, da guerra eletrônica no contexto de atuação das FT SU Bld, ressaltando na doutrina brasileira a relevância de interferência dos meios de comunicação inimigos, bem como de manutenção da segurança de exploração das ligações rádio da FT atacante.

Outro exemplo de lição aprendida pelos russos que pode ser acrescentada no texto brasileiro é a necessidade de realização de reconhecimento prévio sobre o terreno da localidade a ser atacada, ratificado pela vigilância aérea através dos sistemas de aeronaves remotamente pilotados, em suma, conferindo superioridade situacional e aérea à tropa que ataca.

A técnica de ação imediata devido à presença de AAC foi uma lição aprendida pelo exército russo, de forma que a progressão destacada dos fuzileiros à frente com a finalidade de limpar os objetivos não só do plano superficial, mas também do superior e subterrâneo, foi uma boa prática adotada por Moscou e poderia ser incluída na doutrina brasileira.

Concomitante a isso, vê-se no estudo de caso russo um ensejo à evolução na doutrina brasileira no que se refere ao emprego da força-tarefa subunidade blindada no investimento a uma localidade, absorvendo diversas boas práticas interessantes à adesão no Manual da Força-Tarefa Subunidade Blindada (2021), conforme Matozo, 2023:

Dito isso, o conflito da Chechênia estimulou o aperfeiçoamento da DMT em vários aspectos, por exemplo:

- Utilização de tropas de reconhecimento antes do investimento com tropa blindada;
- Utilização de FT desde níveis mais elementares (FT Nível Pel);
- Uso de sensores aéreos, térmicos e eletro-ópticos a fim de buscar as ameaças anticarro;
- Maior coordenação entre as VBC CC e a tropa desembarcada;
- Implantação de medidas de coordenação e controle para o tiro da FT em edifícios, janelas e outras edificações dentro da localidade;
- Maior necessidade de Planejamento e Inteligência para as operações urbanas;
- Utilização de processos distintos de investimentos em localidades (seletivo e sistemático);
- Assunção de riscos materiais e de baixas em ambientes urbanos, após avaliada a importância dos objetivos; e
- Necessidade de adaptar trabalhos de manutenção e de recuperação de viaturas blindadas em ambiente urbano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta da pesquisa realizada foi a análise das lições aprendidas pelo exército russo durante as Guerras da Chechênia quanto à técnicas, táticas e procedimentos no emprego de blindados em área edificada, aprofundada para a atuação de uma força-tarefa subunidade blindada no investimento a uma localidade, a fim de integrar as oportunidades melhorias do confronto à Doutrina Militar Terrestre Brasileira da referida fração no ambiente operacional citado.

Os objetivos do trabalho foram atingidos através da integração das informações e dados de embasamento presentes no referencial teórico, sintetizados nos resultados e discussões da pesquisa. Os objetivos específicos foram atingidos, conduzindo o trabalho à solução da hipótese já citada no objetivo geral ao definir os conceitos básicos referentes às frações blindadas e às operações em área edificada, assim como ao descrever as manobras realizadas em Grozny durante as duas Guerras da Chechênia.

Tendo por base a utilização de manuais do Exército, artigos de pensadores da guerra e monografias referentes tanto ao conflito em Grozny como ao emprego de blindados em localidades, foi possível, por meio da indução explicativa, apontar os pontos fracos russos acerca do emprego dos blindados e a consequente boa prática corretiva do exército russo em outras investidas a Chechênia, estudando o referido caso através da revisão bibliográfica e documental.

Ao relacionar a Doutrina Militar Terrestre Brasileira acerca da força-tarefa subunidade blindada no investimento a uma localidade com o combate em Grozny, pôde-se analisar os aspectos de procedimentos negligenciados pelos russos e posteriormente adaptar sua conduta, evidenciando que existe uma descrição genérica no Manual de Força-Tarefa Subunidade Blindada sobre a fração no ambiente operacional urbano, corroborando assim para a necessidade de acréscimo de dados na atuação da FT numa operação em área edificada.

Comprovou-se que apesar da doutrina presente em outros manuais acerca de conduta em localidade, as lições aprendidas em Grozny poderiam complementar o conteúdo bibliográfico do Exército Brasileiro, ao abrir margem para a inclusão de um aprofundamento explicativo sobre técnicas, táticas e procedimentos principalmente no Manual de FT SU Bld, respondendo assim ao questionamento anteriormente feito, abordadas ainda as técnicas de ação imediata diante de ameaças específicas que podem se apresentar no ataque a uma localidade. Esta é a contribuição primordial do presente trabalho.

Além disso, a monografia sugere também uma análise de outros estudos de caso ainda mais recentes sobre o emprego da força-tarefa blindada no espaço das cidades a fim de absorver as boas práticas e convertê-las ao adestramento das pequenas frações da Força Terrestre, em especial com a adoção de exercícios específicos da FT SU Bld em investimento a uma localidade nas escolas de formação do Exército Brasileiro, dado o crescente emprego da referida peça de manobra neste ambiente operacional.

REFERÊNCIAS

- BILLODRE, Matheus Gasiorowski. **A Força-Tarefa Subunidade de carros de combate no ataque à localidade: sistema de georreferenciamento por satélites em viaturas operacionais**. Dissertação (Mestrado em Ciência Militares) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), Rio de Janeiro, RJ, 2018.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Comando de Operações Terrestres. **EB70-MC-10.223**: manual de campanha operações. 5. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Comando de Operações Terrestres. **EB70-MC-10.303**: manual de campanha operação em área edificada . 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Comando de Operações Terrestres. **EB70-MC-10.376**: manual de campanha força-tarefa subunidade blindada. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2021.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior do Exército. **C 17-20**: manual de campanha forças-tarefas blindadas. 3. ed. Brasília, DF: EME, 2002.
- CRUZ, Carla; RIBEIRO, Uirá. **Metodologia científica: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 2003.
- DE MESQUITA, Alex Alexandre. Blindados e Doutrina Delta no combate urbano: uma combinação possível. **Ação de Choque**, Santa Maria, RS, n. 8, p.03-06, 2009.
- DORNELLES, Sérgio Ricardo Oliveira. [Entrevista cedida a] **As lições aprendidas sobre o emprego da força-tarefa subunidade blindada no investimento a uma localidade no contexto da Guerra da Chechênia**. Resende, RJ, 2023.
- GOTT, Kendall D. **Breaking the mold: tanks in the cities**. Kansas: US Government Printing Office, 2006.
- GRAU, Lester W.; THOMAS, Timothy L. Russian lessons learned from the battles for Grozny. **Marine Corps Gazette**, v. 84, n. 4, p. 45-48, 2000.
- JUNIOR, Clodomiro Rodrigues Matozo. [Entrevista cedida a] **As lições aprendidas sobre o emprego da força-tarefa subunidade blindada no investimento a uma localidade no contexto da Guerra da Chechênia**. Resende, 2023.
- KELLER, Brian A. **Intelligence support to military operations on Urban Terrain: lessons learned from the Battle of Grozny**. Army War Coll Carlisle Barracks Pa, 2000.
- MELLO, João Lucas; ALVES, Paulo Edson. Um olhar histórico sobre o conflito russo-checheno. **Revista Brasileira de História Militar**. n. 28, p.48-59, 2020.
- PAIN, Emil; LOVE, R. R. The second Chechen war: The information component. **Military Review**, v. 80, n. 4, p. 59-69, 2000.
- ROCHA, Thierry Rodrigues. **Análise das munições utilizadas pela VBCCC Leopard 1A5 BR e a possibilidade de emprego do combate urbano**. 41 f. Trabalho de Conclusão de

Curso (Bacharelado em Ciências Militares) - Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, RJ, 2019.

SOUSA, Lucca Torres Rodrigues de. **Análise da técnica de progressão do pelotão de carros de combate no investimento à localidade**. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Militares) - Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, RJ, 2020.

THOMAS, Timothy L. The battle of Grozny: Deadly classroom for urban combat. **The US Army War College Quarterly: parameters**, v. 29, n. 2, p. 10, 1999.